

Conceitos fundamentais da Psicanálise

**Apresentação, leitura e comentários de
Seminários e Textos de Jacques Lacan**

Os Nomes-do-Pai

e

Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise

Paulo Medeiros

4 - 30 de março de 2004

*Memória e transcrição de gravação*¹

Espero que os textos recomendados para hoje tenham sido lidos para que possamos debatê-los. Aconteceu que, depois de encaminhar a relação dos textos para leitura prévia, me ocorreu fazê-los observar a capa da edição da transcrição do Seminário de Lacan, *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, pois, da mesma forma como no texto *Os nomes do pai* há uma análise de uma pintura de Caravaggio, *O sacrifício de Isaac*, já vista por nós. Mais uma vez Lacan aborda uma obra de arte, uma pintura de Hans Holbein, *Os embaixadores*. Além da capa, recomendo uma leitura atenta do texto encontrado nas “orelhas” da capa, de M.D.Magno, o autor da versão brasileira do texto de Miller. Espero que não seja o caso de vocês serem leitores apenas de “orelhas” de livros, mas, nesse caso, essa leitura é também apreciável.

Intervenção – (...).

Ah! não tem o texto na edição de vocês?! Será que excomungaram Magno das edições posteriores à primeira? Nesse caso vou ler para vocês.

*Apresentação do
texto feita pelo
tradutor*

“Para Lacan, a obra de Freud – a Psicanálise – foi desvirtuada por seus discípulos e seguidores, quando, abandonando o rigor ético e lógico do mestre de Viena, endereçou-se a Psicanálise pelos caminhos da Medicina e da Psicologia: à sua submissão ideológica.

Lacan vem demonstrar que com a Psicanálise – sobre a

¹ Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos e Maria Teodora de Barros Oliveira.

qual se deve manter a questão de saber o que ela seja – é um campo Outro que Freud vem fundar: o Campo Freudiano aonde não é o homem que está em questão, mas o Inconsciente (o Inconsciente especificamente freudiano). Para isto, o que Lacan promoveu foi uma *leitura* de Freud. Disto, diz Althusser nas primeiras páginas de *Le "O Capital"*: “é ao esforço teórico, solitário durante longos anos – intransigente e lúcido de J. Lacan, que devemos hoje este resultado que fez uma reviravolta na *leitura* de Freud”, e “tenho que reconhecer nossa dívida para com uma lição de leitura exemplar que, como se verá, ultrapassa em alguns de seus efeitos seu objeto de origem. Tenho que reconhecê-la *publicamente*, para que o trabalho do alfaiate não desapareça na roupa (Marx)”, ainda que seja a nossa roupa”.

Com a publicação de *O Seminário* que com este volume continuamos, o que se põe à disposição do público de língua portuguesa não é o que Lacan escreve – mas o que se escreveu sobre sua fala a um público, especializado de começo e pouco a pouco generalizado, se não tornado massa.

Com este volume continuamos a mostrar a prática-teórica de um pensador – um poeta – contemporâneo cujo rigor teórico, aliado à palavra poética, vem pôr em questão o saber do nosso século. Repensando os discursos em seu modo mesmo de produção, é a ciência que ele põe em questão, e as ciências humanas em particular, é a epistemologia que entra em periclitância, é a lógica que se afirma como outra-lógica: a *lógica o significante*, não o significante da lingüística, em seu apego ao significado, mas o significante, *como significante*, votado ao não-sentido, a produzir, como efeitos, as significâncias a que os sujeitos se apegam sem quererem saber da determinação que os escora. O que está no núcleo disso tudo é a *estrutura*, não a mesma do estruturalismo, mas a da linguagem – em sua impossibilidade de dizer *toda a verdade*, o que emerge nos discursos como falimento.

Neste volume Lacan nos apresenta os *conceitos fundamentais* da Psicanálise. Fundamentais no que são as fundações da teoria psicanalítica desde Freud, os pilares sobre os quais se desenvolve toda e qualquer construção que se possa dizer

psicanalítica: os quatro conceitos de *Inconsciente*, de *Repetição*, de *Transferência* e de *Pulsão*. Mas o termo CONCEITO, aqui é infinitizado, isto é, não sofre da alucinação de estar agarrado realmente a um objeto, ou melhor, como diria Jacques-Alain Miller, a mão de Zenão resta no ar, aberta. Pois a *alienação* fundamental do sujeito falante não lhe permite nenhuma completude. Daí, no projeto de articular “no que consiste a raiz dessa famosa alienação”, é que Lacan interroga a *Função da Liberdade* para nos defrontar com “o fantasma da liberdade”, dessa mesma “liberdade ainda, que t’arde”, ainda hoje, como sempre, ainda.

Mas em sua fala, como em seus escritos, desponta o que Whitehead chamava “a suprema moralidade do espírito”: um *estilo* – e aqui, o estilo é requisição de *leitura*, isto é, abertura do texto, exigindo que o leitor coloque algo de seu para que o texto passe aos seus efeitos de significância. Nenhuma receita, nenhuma peremptória. É talvez por isso que, por alguns, o seu estilo é considerado “obscuro” – onde não há o *imperativo* é a minha liberdade que me atormenta?

Daí, também, que a *tradução* tem que ser traição – porque é re-escrita. E esta *versão brasileira* sofre todo *sentido* de não ser mais que traição tradutora – mas que porta a palavra, assim mesmo.”

*A primeira
instituição
lacaniana no Brasil*

Magno foi fundador do *Colégio Freudiano do Rio de Janeiro*, junto com Betty Millan. Não sei exatamente qual foi a primeira instituição psicanalítica lacaniana fundada no Brasil, se o Colégio, que, parece, foi fundado não aqui, mas em Paris, como um propósito, ou se foi o Centro de Estudos Freudianos do Brasil, fundado em São Paulo, por Durval Cecchinato, Luiz Carlos Nogueira e Jacques Laberge, do qual o Centro de Estudos Freudianos, em Recife, onde nossa primeira geração se formou, tornou-se hoje uma pálida lembrança.

Intervenção – (...).

Não, naquele tempo Jacques-Alain Miller, genro de Lacan, era quem fazia as transcrições. Como instituição, depois da morte de Lacan. Desde o começo frisamos ser um escrito de Jacques-Alain Miller. Então, digam o que acharam do *Posfácio*, esse sim, escrito por Lacan, cuja leitura recomendei antes de adentrarmos no texto

do Seminário.

Intervenções – (...).

*A escritura
lacaniana*

De fato, a primeira leitura de Lacan provoca um certo impacto, como puderam perceber pela leitura de *Os nomes do pai* e agora no *Posição*. Nós estamos acostumados à leitura de textos que poderíamos dizer, com sentido, tipo linear, começo, meio e fim, com enredos imaginários tipo romances. Estamos mais acostumados à narrativa enquanto, sobretudo, compreensiva, à fala, enquanto uma possibilidade, aparente, de comunicação. Mas temos sérios motivos para constatarmos não haver comunicação na fala, e seguimos fazendo de conta que há; então, o sentido, é o sentido que damos, fazendo de conta haver compreensão, seja naquilo que lemos, falamos, ou ouvimos. Em se tratando de Lacan, há uma dificuldade adicional em relação a isso porque, como já enfatizamos, Lacan tentava imitar a escrita matemática. Podemos perguntar aos nossos matemáticos – onde estão? Não vieram hoje? – a propósito dessa escrita. Mas, se nós conseguíssemos aproximarmo-nos da idéia de estarmos diante - pelo menos em relação ao *Posição* escrito por Lacan, e não em relação a uma transcrição - de uma escrita que procura seguir o modelo da escrita matemática, isso nos ajudaria a aceitar um outro tipo de escrita – e de fala – que, no escrito de Magno, lido, podemos chamar, com muita propriedade, de *estilo*, quer dizer, o escrito enquanto essa marca de uma escrita cuja letra está afeita a uma subjetividade, com toda a sua singularidade, mas que busca termos universais de inscrição. Então, nesse sentido outro, há um estilo em Lacan que lhe é próprio, como autor - e podemos aproximar sua fala e seu escrito não só da Matemática, mas também da Poesia -; e, à medida que nós vamos tentando lê-lo, somos tocados por esse estilo, na medida em que nos afeta existencialmente, e isso nossa experiência existencial maior, a da análise, pode corroborar. Encontraremos, pois, na escritura lacaniana, não só rigor lógico, matemático, mas também poético. Em relação ao que costumeiramente chamamos sentido, poderíamos indagar dentre nós, portanto, aos mais atentos, à Matemática, se há esse sentido, comum, entre uma formulação matemática e outra, entre equações; haveria, pois, alguma forma de comunicação entre duas fórmulas matemáticas? E como falar e escrever aquilo que em Lógica considera-se uma *aporia*? Assim, começamos a nos indagar sobre o sentido da lógica, mas da lógica

significante.

Intervenção – (...).

E então, a Dulcinea leu, trouxe-nos sua impressão de leitura.

Intervenção – (...).

Será que não estamos diante de uma questão que a Literatura se coloca, no sentido do autor e da autoria? Quem já leu Joyce, e ele o cita no *Posfácio* compreende que não haveria correspondência entre a indagação sobre se o texto tem um autor, o sujeito que o escreve, ou se não é o próprio texto que determina sua própria autoria. Não sei se todos ou alguns de vocês escrevem ou gostam de escrever, mas uma coisa que ocorre na escrita - é uma experiência de quem escreve - é a de que a própria escrita é quem conduz o escritor, assim como na fala em análise.

Intervenção – (...).

Sim, claro, mas pode-se dizer de outro modo. Aquilo a que ele se refere sobre Joyce, por exemplo, trata-se de um momento em que escreve um “escrito como não-a-ler”, para “fazer da palavra treta para além das línguas”, isto é, um modo ardiloso, artificioso que a transcenda. Então o que há de possibilidade numa escrita como essa, para além das línguas? Sabemos que, ao escrever, Joyce fez uso de pelo menos cinquenta idiomas para emprego de certos vocábulos, e não se trata de um texto que se lê de modo corrente, linear, sucessivo, sendo, no entanto, um texto poético em sua simultaneidade. Em relação à letra é importante frisar a distinção entre o registro oral e o escrito. Na história das origens de nossa formação cultural, houve uma dificuldade em se passar do oral para o escrito; na cultura grega, por exemplo, houve o argumento de que a memória dos fatos narrados seria prejudicada com o emprego da escrita, esta passou a ser usada, mas com muita resistência. Se pensarmos em exemplo bem mais próximo a nós, lembremo-nos de que, aqui, no Brasil, uma das maneiras, talvez a mais eficaz, de conquista, foi o ensino da escrita aos nossos nativos, sobretudo aos tupis-guaranis, como método sistemático de aculturação conduzido pelos jesuítas, contribuindo para liquidar com toda uma cultura muito mais antiga. Entre os gregos, a resistência ao emprego da escrita como forma de comunicação foi maior, durou séculos; nessa cultura, tal

*Os registros do
discurso oral e escrito*

resistência se fez com o argumento de prejuízo da memória de todos, caso se abandonasse a transmissão da história pela via da narrativa oral dos mitos. Guardadas as devidas proporções, mas levando-se em consideração as diferenças culturais, há também a se considerar o fato de haver sido o ensino de Lacan fundamentalmente oral, e seguirmos tentando apreender na letra, em meio a diferenças intransponíveis, a sua fala. Há uma diferença a ser levada em conta entre o ensino oral e a escrita, e daí decorre a necessidade de comparação entre versões, as várias existentes. Nesse contexto, podemos entender algo desse *Posfácio* que lemos, escrito por Lacan no final desse Seminário.

Intervenções – (...).

*A Carta Roupada-
Edgar Allan Poe*

Eu não sei se todos aqui conhecem esse texto que o Carlos Eduardo está nos trazendo, *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe, um escritor bastante conhecido. *A carta roubada* é utilizada por Lacan para dar conta da relação existente entre o significante e o sujeito. Ainda que estejam sendo antecipadamente trazidos, por Carlos Eduardo e Teodora, alguns dos elementos que certamente surgirão mais adiante em nossos estudos, vamos tentar falar então um pouco sobre isso também. Fica, portanto, a sugestão de mais uma leitura fundamental para nossos fundamentos. É um texto que...

Intervenção – (...).

Qual é a importância desse texto literário, e aí, mais uma vez, ...

Intervenção – (...).

... É a questão da escrita. É que a *letra* busca a apreensão de um som. Mas nós precisaríamos então contar a história desse texto para que pudéssemos trabalhar pelo menos três noções usadas pela Psicanálise para a inteligibilidade do que pretendemos discutir: signo, significante..., vamos ficar com esses dois por enquanto, signo e significante.

*O signo no campo
psicanalítico*

Então vou tentar simplesmente lembrar o seguinte: signo é aquilo que representa alguma coisa para alguém, essa é a definição de signo dada por Lacan, signo é o que quer dizer alguma coisa para alguém; e significante é o que representa o sujeito para outro significante. Então temos aí duas definições, a de signo e a de significante, fundamentais no contexto da leitura feita por Lacan

de *A carta roubada*. Então, reparem, em francês há uma possibilidade de se jogar com a palavra “*lettre*”, e, nesse jogo, encontraremos as possibilidades de signo e de significante. “*Lettre*” tanto pode significar *letra* quanto *carta*: as duas coisas, dependendo do contexto. Nesse sentido, o que acontece com *A carta roubada*? Trata-se de uma carta que circula, apesar de haver sido dirigida à Rainha. A Rainha recebeu uma carta, ao que tudo indica, comprometedora, certamente comprometedora para o Rei, para o reinado, pois, parece, não sabemos, tratar-se de um envolvimento da Rainha como mulher, e, como mulher, amante e amada; recebendo-a nos aposentos reais, e estando presente o Primeiro-Ministro - até parece que aposentos reais não representam privacidade... – este percebe o gesto de dissimulação da Rainha, colocando a *carta* recebida em meio a outras correspondências, como se não fosse assim tão pessoal e importante. Mas o vivaldino do Ministro deu-se conta da sua importância, e, num gesto de quem não quer nada, apropria-se da tal *carta*, deixando outra, parecida, em seu lugar. A Rainha nota o gesto do Ministro, mas nada pode fazer diante do Rei, ali presente também. O Rei, vocês sabem qual é sua função, é a de não saber de nada, pelo menos de nada sobre a Rainha; no máximo, ocorre-lhe ser o último a saber das coisas. A Rainha, posteriormente, aciona o seu Chefe de Polícia para tentar reaver a carta, tão comprometedora, e que aumenta os poderes do Ministro estando em suas mãos. Este é um detalhe fundamental: a *carta* outorga certos poderes, não sabemos quais, a quem a porta. O Secretário de Segurança, ou Chefe de Polícia, talvez até Ministro do Interior, tenta reaver a *carta*, então seus subordinados vasculham todo o Gabinete do Ministro, nos mais recônditos lugares, e não a encontram; vê-se, assim, na contingência de fazer uso dos serviços de um detetive particular, M. Dupin, sujeito, ao que parece, bastante afeito a esse tipo de incumbência. M. Dupin, num primeiro momento, consegue uma entrevista com o Ministro, notando nessa entrevista estar a carta bem visível, num porta-cartas. A *carta* sempre esteve aí, bem visível: não vê-la aí é como se procurássemos sempre em lugares ocultos aquilo que pode estar na cara, e é justamente assim que lidamos com o Inconsciente. O esperto M. Dupin consegue, então, nova entrevista com o Ministro, mas tendo o cuidado de preparar, no exato momento da entrevista, um bafafá na rua, promovido por um auxiliar. Enquanto o Ministro dirige-se à janela para ver o que

estava acontecendo na rua, M. Dupin ardilosamente troca a *carta* da Rainha por outra, similar, levando consigo a dela. O gesto se repete, com êxito, ainda que de modo diferente. O detetive deixa, em lugar da carta, um verso, um verso que o Ministro certamente reconheceria nele o gesto do detetive. Acabou-se, assim, seu poder sobre a Rainha. Este é, em resumo, a história da tal carta. Mas há algo importante a se frisar sobre a carta: não se sabe qual é o seu conteúdo.

Intervenção – (...).

A letra

A história do significante que o Carlos Eduardo traz versa sobre aquilo que representa o sujeito para outro significante; trata-se do seguinte: é que, enquanto signo, a *letra* é só um sinal gráfico. O signo enquanto *letra* é um sinal gráfico.

Intervenção – (...).

Há outras possibilidades de se considerar a *letra* quando formos estudar *pulsão* em nosso texto, mas pensemos que a história, o natural da história é ser cultural, é ser *letral*, ou seja, a *letra* para nós está gravada na carne, é parte integrante do que somos. Não há humano sem essa inscrição originalmente pulsional; isso é da ordem daquilo que Freud, num determinado momento, colocou na região limítrofe entre o somático e o psíquico. Ora, o limite somático está nas bordas, nos orifícios, onde circula a pulsionalidade; por meio de um deles, penetra o som, o som que será *letra*. Mas a *letra* é uma coisa enquanto expressão gráfica de um som. Um dos aspectos que essa *carta roubada* nos mostra é que, quando essa “*lettré*” se torna circulante, *carta* a circular, ela passa a ser *significante* a determinar a posição de cada sujeito que a detiver, ou seja, cada sujeito que estiver de posse dessa *carta* agirá de um determinado modo, diferente de quando não a retiver. Essa teoria constitui a lógica significante. O que posiciona o sujeito é o *significante*, a *carta*; no caso, essa é sua metáfora. Assim, a posição do sujeito é determinada pela posição em que o significante o coloca; friso, junto a isso, o fato de não ser a Psicanálise nem um pensar solipsista nem uma auto-análise possível. O Inconsciente é efeito dessa circulação do significante.

Intervenção – (...).

Estamos aí diante de um novo termo: significado; aliás, dois

novos termos: significado e significação. Em relação ao significante, o significado torna-se inabordável; ele está barrado ao significante; é inapreensível devido ao deslizamento contínuo do significante em relação à cadeia que o contém; já a significação é puro efeito imaginário de um conjunto de significantes.

A lógica significante

Pela lógica do significante o significado está barrado pelo significante, a prevalência é do significante; é o significante que atribui a possibilidade de algum significado lido pela via da significação, assim como o signo que estará também subordinado ao significante enquanto uma leitura possível que dele se faça. Por exemplo, todos conhecemos a história de *Robinson Crusôé* de Daniel Defoe, no momento em que Robinson Crusôé vê pegadas na areia da praia: julgava-se só na ilha; ao ver aquelas pegadas lê aqueles sinais, aquelas marcas deixadas por outros; o signo em si, a marca de outro, é lida por ele de acordo com seus próprios significantes. Ao fazer uma leitura daqueles sinais ele já está fazendo uso de tudo o que nele há através das representações do que aqueles sinais possam representar para ele enquanto sinais. É pela via dessas representações que ele poderá ler os sinais. O significado, qual seria? Há uma barra aí, estando essa barra infinitizada.

Intervenções – (...).

... que desliza. O significante representa o sujeito para outro significante, sem remeter a um significado. Haverá sempre a possibilidade de muitos significados para um mesmo fato. Fato só faz fato, no dizer de nosso Guimarães Rosa, o mais é narrativa do fato. Narrativas. O significante em si não possui significado.

Intervenções – (...).

Pelo simples fato de que nosso universo psíquico é puramente representacional, no sentido de representante da representação como Freud o designou. O significante laciano é tradução disso.

Intervenção – (...).

Indivíduo não é uma categoria da Psicanálise. Sujeito é o termo conceitual, entendido, no caso, de modo vetorial; ele advém na remetência de um significante a outro, deslizando na cadeia, numa relação transferencial.

Intervenções – (...).

Não há uma correspondência exata entre significante e significado.

Intervenções – (...).

A função designativa do signo

O objeto em si é inapreensível, só o conhecemos por representação. Tomemos por exemplo o objeto *xícara*: ele constitui-se *signo* para todos, mas pode ser *significante* para alguém, se houve, para empregar um termo dos primórdios em Freud, algo traumático para si. O significante exprime uma impressão psíquica indelével; ele tem historicidade, é cunhado no sujeito, é marcado por uma história para o sujeito. O signo, em sua função designativa em relação ao objeto, porta uma extensão universal nessa relação *signo-objeto*. Como significante, em sua singularidade numa determinada relação com um determinado sujeito, só o *singular xícara*, e não mais para ninguém, é que temos o *significante*. Assim é que temos, pois, S_1 – um que não é número, ele é arbitrário, é um lugar cuja posição na articulação que promove., só uma análise permite localizá-lo.

$S_1 \rightarrow S_2$

Diante disso é que confirmamos que a Psicanálise só existe enquanto análise pessoal; e, como efeito de análise, temos então o *discurso analítico*.

Em Freud constituem uma *constelação psíquica*, o que se traduz, em Lacan, em *cadeia significante*. O sujeito aí é remetido pelo significante. No dizer de Freud, “*Um sonho veio a mim*” e não “*Eu sonhei*”.

Enfim, sabemos, pois, que a palavra *xícara* é um *signo*, mas o que ela representa em sua singularidade *significante* é ímpar e não universal, pertencendo tão somente a uma determinada articulação, única, em relação a um determinado sujeito, único naquela cadeia, naquele elo.

O *significante* faz parte de um universo ideacional, do mundo das idéias de cada um, não é universal; podemos, por exemplo, concordar sobre o signo, que é linguagem comum, assim então quando falarmos em *xícara*, todos compreenderemos o seu significado, mas isso em relação ao significante não é possível: só a um outro significante ele diz alguma coisa do sujeito que o porta. Para que haja o *signo* é preciso que haja um acordo social, uma convenção, puramente arbitrária, pois, quando nascemos,

esta, assim, já estava determinada.

O significante é *som puro*. É *letra*. *Letra* enquanto escrita é grafia, desenho que imita o som, tentativa de agarrar o som. No corpo está escrita como som. O sujeito é efeito de *falas fundantes*, campo da Psicanálise. Não devemos confundi-lo com *pessoa, indivíduo* sujeito é efeito de linguagem, de *falas fundadoras*. Poderíamos perguntarmo-nos: *Como escrever significantes?* Não escrevemos significantes. A escrita do significante não conseguimos lê-la, só falá-la.

Assim como o *nome* nos precede, também os significantes que portamos. Assim como estamos sujeitos a um *nome* do mesmo modo estamos sujeitos às falas que nos fundaram antes de nascermos.